

CRÔNICA

Cláudio Ferreira claudioferreira-64@hotmail.com



Ídolos também envelhecem

Sabe aquelas pessoas que admiramos muito pelo talento, pela personalidade, pelo carisma? Não falo daquelas próximas, com quem dividimos a vida. Falo dos nossos ídolos, aqueles de quem nem queremos saber da rotina, das fofocas. Só queremos idolatrar.

Tive o privilégio de assistir ao show de um deles no último fim de semana. Ney Matogrosso reinou soberano no palco, desafiou os 84 anos da carteira de identidade e provou, mais uma vez, que é um dos grandes. Pra mim não precisava provar nada. Eu era criança quando o Secos & Molhados surgiu, e pude acompanhar toda a carreira dele. Sempre gostando das escolhas musicais heterogêneas, da qualidade sempre perseguida e, principalmente, da liberdade.

Assim como eu, meus ídolos estão envelhecendo. Nem todos com a sorte e a genética do Ney. Felizmente, artista se aposenta mais tarde do que a gente. Taí a Fernanda Montenegro, 95 anos, em cartaz nos cinemas. Ela anunciou que está desacelerando, mas já nos deu tanta coisa boa que a gente nem pode reclamar. Eu a vi nos palcos algumas vezes, aplaudi as participações em novelas e vibrei com os filmes. Ela torna a minha vida melhor.

Gilberto Gil ainda está nos palcos, um pouco mais sereno, quase aos 84. Milton Nascimento, 83, já se despediu dos shows, mas não se aposentou. Esses são outros que contribuíram para a playlist da minha existência, nos bons e maus



momentos. Não tive a oportunidade de acompanhar as últimas turnês deles – mas quem disse que realmente serão as últimas?

O Rei faz 85 em abril. Outros estão rondando essa idade, já que a década de 1940 foi pródiga no nascimento de talentos. Alguns, inclusive, espantam o fantasma do etarismo e continuam sendo bastante requisitados: Zezé Motta, 81, por exemplo,

estampa capas de revistas, abriu o carnaval no Recife e vai estar na próxima novela das seis.

Também tenho ídolos da minha geração. São artistas que vi nascerem para o grande público e consolidarem suas carreiras. Fico orgulhoso, por exemplo, em ser contemporâneo de Andrea Beltrão, uma força da natureza quando sobe ao palco ou diante das câmeras. Ou

de Fernanda Torres — com ou sem Oscar — e seus caminhos artísticos sempre instigantes.

É bom ter ídolos. Alguns escolhem no futebol, outros nas artes. Cria-se um vínculo importante, um reconhecimento por tudo o que eles já nos trouxeram e ainda oferecem. Só temos a agradecer. E estão aí Ayrton Senna, Renato Russo e outros para mostrar que nem a morte nos separa.